



Mimosoideae (Leguminosae) do Parque Estadual Paulo César Vinha, Espírito Santo, Brasil

Mimosoideae (Leguminosae) of Paulo César Vinha State Park, Espírito Santo, Brazil

Pollyana Lima Peterle^{1,2}, Aline Pitol Chagas¹, Luciana Dias Thomaz¹, Valquíria Ferreira Dutra¹ & Rodrigo Theófilo Valadares¹

Resumo

O Parque Estadual Paulo César Vinha (PEPCV) constitui uma importante área de preservação do Espírito Santo e mesmo sendo a região litorânea melhor estudada no Estado, trabalhos taxonômicos ainda apresentam-se escassos. Este trabalho consiste no levantamento florístico e estudo taxonômico de Mimosoideae do PEPCV. Foram realizadas coletas quinzenais, entre agosto/2008 a junho/2009, percorrendo trilhas pré-existentes no interior do Parque, além de caminhadas aleatórias de forma a contemplar todas as fitofisionomias. Mimosoideae está representada por 10 táxons, reunidos em cinco gêneros: *Albizia*, *Inga*, *Mimosa*, *Piptadenia* e *Senegalia*. O gênero mais representativo em número de espécies é *Mimosa* (4 spp.), seguido por *Inga* (3 spp.). Os demais gêneros apresentam uma espécie cada. *Mimosa elliptica* e *Mimosa sensitiva* var. *sensitiva* são novas citações para o estado do Espírito Santo e *Inga subnuda* subsp. *subnuda*, *Mimosa candollei*, *Mimosa pudica* var. *hispida*, *Piptadenia adiantoides* e *Senegalia lacerans* são novas citações para o PEPCV. O trabalho inclui chave de identificação dos táxons, descrições, ilustrações, dados sobre distribuição geográfica, preferência de habitat e fenológicos, além de comentários taxonômicos.

Palavras-chave: Fabaceae, flora, restinga, taxonomia.

Abstract

Paulo Cesar Vinha State Park (PEPCV) is an important preservation area in the State of Espírito Santo, and although it is the best studied coastal region in the state, taxonomic studies on the flora are still scarce. This study is a floristic and taxonomic survey of the Mimosoideae of the PEPCV. Fortnightly collections were carried out from August/2008 to June/2009, on pre-existing trails within the park, as well as random walks to survey all phytophysiognomies. Mimosoideae is represented by 10 taxa in five genera: *Albizia*, *Inga*, *Mimosa*, *Piptadenia* and *Senegalia*. The most representative genus in species number is *Mimosa* (4 spp.), followed by *Inga* (3 spp.). The other genera have one species each. *Mimosa elliptica* and *Mimosa sensitiva* var. *sensitiva* are new records for the state of Espírito Santo, and *Inga subnuda* subsp. *subnuda*, *Mimosa candollei*, *Mimosa pudica* var. *hispida*, *Piptadenia adiantoides* and *Senegalia lacerans* are new records for the PEPCV. This study includes identification of key taxa, descriptions, illustrations, data on geographical distribution, habitat preference, phenology and taxonomy.

Key words: Fabaceae, flora, sandy coastal plains, taxonomy.

Introdução

Leguminosae é a terceira maior família de angiospermas em número de espécies, com aproximadamente 19.325 espécies compreendidas em 727 gêneros (Lewis *et al.* 2005). Cosmopolita

em distribuição, ocorre especialmente nas regiões tropicais e subtropicais (Joly 1987; Lewis 1987), sendo o elemento principal de muitos tipos vegetacionais em várias regiões do mundo (Lewis 1987). Subdivide-se em três subfamílias:

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Depto. Biologia, Herbário VIES, Av. Fernando Ferrari 514, 29075-910, Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil.

² Autor para correspondência: pollyanapeterle@yahoo.com.br

Mimosoideae, Papilionoideae e Caesalpinioideae (Lewis *et al.* 2005) e seu monofiletismo tem sido sustentado por diversos estudos filogenéticos (p.e. Wojciechowski *et al.* 2004; Lewis *et al.* 2005).

No Brasil, a família está representada por 2.754 espécies, reunidas em 213 gêneros, e distribuídas em todos os biomas brasileiros (Lima *et al.* 2014). Para o Espírito Santo são citadas 316 espécies e 102 gêneros, sendo considerada a segunda maior família, em número de espécies, da flora do Estado (Fraga *et al.* 2007; Lima *et al.* 2014) e uma das mais representativas de suas restingas (Fabris 1995; Pereira & Gomes 1994; Pereira & Assis 2000; Pereira & Araújo 2000; Assis *et al.* 2004b).

Mimosoideae é a segunda subfamília mais diversa em número de espécies dentre as Leguminosae. Inclui cerca de 3.270 espécies, agrupadas em 82 gêneros, distribuídas nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas do mundo (Lewis *et al.* 2005). Para o Brasil são citadas 819 espécies agrupadas em 35 gêneros (Lima *et al.* 2014).

Nos últimos 26 anos, foram descritos para o Espírito Santo um gênero e 10 espécies de Leguminosae (Germano Filho *et al.* 2000; Iganci & Morim 2009; Filardi & Lima 2014) e embora tenha sido realizado um importante estudo taxonômico referente à subfamília Papilionoideae (Weiler Júnior 1998), a maior parte das informações está concentrada em trabalhos de levantamento florístico ou fitossociológico, havendo carência em estudos taxonômicos.

A Área de Proteção Ambiental (APA) de Setiba, no município de Guarapari, que inclui o Parque Estadual Paulo César Vinha (PEPCV), constitui uma importante Unidade de Conservação no Estado e uma área prioritária para a conservação da biodiversidade, por apresentar expressiva importância biológica e um alto nível de pressão antrópica (MMA 2000). Apresenta características florísticas próprias, diversas espécies da flora ameaçadas de extinção e endêmicas ao Espírito Santo, além de outras de ocorrência restrita à restinga de Setiba (Assis *et al.* 2004a).

Em função da elevada degradação dos ecossistemas capixabas e da escassez de trabalhos taxonômicos e com o intuito de se conhecer a biodiversidade desse trecho de restinga, este trabalho tem como objetivo os estudos florístico e taxonômico de Mimosoideae no Parque Estadual Paulo César Vinha, fornecendo chave para a identificação dos táxons, descrições, ilustrações, comentários sobre a distribuição geográfica,

preferência por habitats, e taxonomia e dados fenológicos dos mesmos.

Material e Métodos

Área de estudo

O PEPCV situa-se no litoral sul do Espírito Santo, no nordeste do município de Guarapari, ao longo da margem esquerda da Rodovia do Sol (ES-060) no sentido Norte/Sul (Gomes 1999), entre as coordenadas 20°33'–20°38'S e 40°23'–40°26'W. Compreende cerca de 1.500 ha, abrangendo aproximadamente 12 km de litoral na restinga de Setiba. O clima da região, segundo a classificação de Köppen, é do tipo Aw tropical, com verão quente e chuvoso e inverno seco; a temperatura média anual é de 23,3°C, a precipitação média anual é de 1.307 mm e a umidade relativa média anual é de 80% (Fabris 1995).

A vegetação é de restinga e para o reconhecimento das fitofisionomias do PEPCV, utilizou-se a classificação de Pereira (2003), que considera dez formações vegetais: Herbácea Não Inundável, Herbácea Inundável, Herbácea Inundada, Arbustiva Fechada Não Inundável, Arbustiva Fechada Inundável, Arbustiva Aberta Não Inundável, Arbustiva Aberta Inundável, Florestal Não Inundável, Florestal Inundável e Florestal Inundada.

Coleta de material e tratamento taxonômico

As coletas do material botânico foram realizadas em excursões quinzenais durante o período de agosto/2008 a junho/2009, ao longo de todas as trilhas pré-existentes no interior do Parque, além de caminhadas, sem orientação pré-estabelecida, de forma a contemplar todas as fitofisionomias. O material foi coletado e herborizado de acordo com técnicas usuais (Fidalgo & Bononi 1989), e depositado no Herbário VIES, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A identificação dos espécimes foi realizada mediante bibliografia especializada, revisões e/ou estudos disponíveis na literatura, consultas a especialistas e comparações com o acervo dos Herbários RB e VIES.

A terminologia adotada para a descrição das estruturas vegetativas e reprodutivas seguiu Hickey (1973), Barroso *et al.* (1999), Pennington (1997) e Gonçalves & Lorenzi (2007).

Para cada táxon são apresentados: descrições, comentários sobre caracteres diagnósticos,

preferência por hábitat, períodos de floração e frutificação, nome popular e distribuição geográfica.

As ilustrações foram confeccionadas originalmente em nanquim sobre papel vegetal, incluindo o aspecto geral do ramo e partes reprodutivas importantes para o reconhecimento do táxon, utilizando-se material herborizado e/ou conservado em álcool etílico 70%, e fotografias.

Resultados e Discussão

Mimosoideae está representada no PEPCV por 10 espécies e cinco gêneros. O gênero mais representativo em número de espécies é *Mimosa* (4 spp.), seguido por *Inga* (3 spp.), e os demais gêneros, *Albizia*, *Piptadenia* e *Senegalia*, apresentam apenas uma espécie cada.

Chave de identificação para os táxons de Mimosoideae no Parque Estadual Paulo César Vinha

1. Folhas pinadas
 2. Raque foliar não alada; nectários foliares pateliformes 2. *Inga capitata*
 - 2'. Raque foliar alada ou marginada; nectários foliares cupuliformes
 3. Raque foliar marginada; folíolos (1–)2(–3) pares, glabros; inflorescências com 22–75 flores 3. *Inga laurina*
 - 3'. Raque foliar alada; folíolos 3–5(–6) pares, pubescentes; inflorescências com 3–17 flores 4. *Inga subnuda* subsp. *subnuda*
- 1'. Folhas bipinadas
 4. Nectários foliares ausentes
 5. Pinas 1 par; foliólulos 2 pares; ovário curtamente estipitado 8. *Mimosa sensitiva* var. *sensitiva*
 - 5'. Pinas (1–)2–8 pares; foliólulos 8–28 pares; ovário séssil
 6. Ramos angulosos; craspédios tetragonais 5. *Mimosa candollei*
 - 6'. Ramos cilíndricos; craspédios plano-compressos
 7. Ramos vilosos; foliólulos basais 4,7–9,4 × 0,8–2,5 mm; craspédios glabros 7. *Mimosa pudica* var. *hispida*
 - 7'. Ramos pilosos; foliólulos basais 1,4–3 × 0,5–0,7 mm; craspédios estrigosos 6. *Mimosa elliptica*
 - 4'. Nectários foliares presentes
 8. Árvores 1. *Albizia* sp.
 - 8'. Arbustos escandentes
 9. Pinas 3–5 pares; foliólulos 2–5 pares 9. *Piptadenia adiantoides*
 - 9'. Pinas 8–18 pares; foliólulos 22–44 pares 10. *Senegalia lacerans*

1. *Albizia* sp.

Fig. 1a

Árvore 2,5–9 m alt.; ramos cilíndricos, inermes, glabros, lenticelados; estípulas não observadas. Folhas bipinadas; pecíolos 3,9–6,5 cm compr., cilíndricos, canaliculados adaxialmente, inermes, canaliculo pubescente; raque foliar 4,2–11,2 cm compr., cilíndrica, canaliculada adaxialmente, inerme; pinas 4–5 pares, 4,6–13,9 cm compr.; peciólulos canaliculados; raquíola canaliculada; foliólulos 10–20 pares, os basais 6–17 × 1,6–5,4 mm, os apicais 7–16,5 × 2,6–6,5 mm, cartáceos, oblongos a ovados, base assimétrica, ápice cuspidado a cuneado, margem inteira, ciliada, face adaxial glabra, face abaxial glabrescente; nectários foliares ocasionais, sésseis,

circulares, cupuliformes quando na base do pecíolo, pateliformes quando abaixo do último par de foliólulos. Flores e frutos não observados.

Material examinado: Formação Florestal Inundável, 21.I.2009, est., P.L. Peterle et al. 22, 23 (VIES); 11.VI.2009, est., P.L. Peterle et al. 60 (VIES).

No PEPCV, ocorre na borda da Formação Florestal Inundável próxima à rodovia em uma área sujeita à inundação. Não foi possível sua identificação a nível específico, uma vez que só foram coletados indivíduos estéreis durante a realização da pesquisa. No entanto, pelas folhas bipinadas com nectários e hábito arbóreo parece tratar-se de um táxon novo de *Albizia*, que está sendo descrito pelo Dr. Haroldo Cavalcante de Lima e colaboradores.

2. *Inga capitata* Desv., J. Bot. Agric. 3: 71. 1814.

Fig. 1b.

Árvore 3–9 m alt.; ramos cilíndricos, inermes, glabros, densamente lenticelados; estípulas 1,5–7 × 0,5 mm, lenhosas, lineares, glabras, persistentes. Folhas pinadas; pecíolos 0,5–4,8 cm compr., cilíndricos, não alados, inermes, glabros; raque foliar 0,7–9,5 cm compr., cilíndrica, não alada, inerme, glabra; folíolos 2–3 pares, os basais 30,7–132,4 × 10,3–68,5 mm, os apicais 41,5–182,5 × 15,5–83,3 mm, cartáceos a coriáceos, elípticos, raro obovados, base cuneada, raro obtusa, ápice acuminado, raro arredondado, margem inteira, não ciliada, glabros em ambas as faces; nectários foliares entre todos os pares de folíolos, sésseis, circulares, pateliformes. Inflorescências capituliformes, adensadas, axilares, 1–3 por axila, homomórficas; pedúnculos 12–78,3 mm compr., pilosos; raque floral 3,6–6 mm compr., glabra; brácteas diminutas, oblanceoladas, glabras adaxialmente, estrigosas abaxialmente, caducas; bractéolas não observadas. Flores 5-meras, sésseis, ca. 66 por inflorescência; cálice 4–4,5 mm compr., tubular, glabro, lacínias irregularmente triangulares, com tricomas no ápice; corola 6,3–6,7 mm compr., tubular, glabra, lacínias regularmente triangulares, com tricomas no ápice; 31–34 estames, 15–17 mm compr., brancos, homodínamos; tubo estaminal exserto, glabro; ovário 1,5–1,6 mm compr., sésil, glabro; estilete 12,8–13,5 mm compr., filiforme, glabro; estigma cupuliforme. Legumes 9,8–18,6 × 2,5–3,4 cm, retos a curvos, planos a convexos, lineares, margens lineares a levemente constrictas entre as sementes, valvas lenhosas, glabras, marrons quando maduras; sementes não observadas.

Material examinado: Lagoa do Milho, 29.VII.1988, fl., *O.J. Pereira 1692* (VIES); Lagoa Vermelha, 4.VIII.1988, fl., *O.J. Pereira 1712* (VIES); Formação Florestal Inundável, 30.VIII.2008, est., *P.L. Peterle et al. 01* (VIES); 23.XII.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 17* (VIES); 11.IV.2009, fr., *P.L. Peterle et al. 45* (VIES); 9.V.2009, est., *P.L. Peterle et al. 55* (VIES).

Nome vulgar: ingá-feijão.

Inga capitata ocorre na Costa Rica e na América do Sul nas regiões norte, noroeste e oeste até a Bolívia. No Brasil, ocorre em toda a Região Sudeste e nos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia (Pennington 1997; Garcia 1998; Garcia & Fernandes 2012). É encontrada em Floresta Ombrófila Aberta Submontana da Amazônia, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila Densa de

Terras Baixas, geralmente no interior de florestas não perturbadas, em áreas não inundadas (Garcia 1998). Também é registrada para restingas, pastagens, margens de estradas, vegetação secundária de regiões úmidas ou sazonais e florestas periodicamente inundadas (Pennington 1997; Garcia 1998). No PEPCV, foi coletada na Formação Florestal Não Inundável, no interior da Florestal Inundável e na borda da Formação Arbustiva Aberta Não Inundável próxima à rodovia. A ocorrência desta espécie já havia sido citada apenas para a Formação Florestal Não Inundável por Fabris (1995) e Assis *et al.* (2004b). Diferencia-se de *Inga laurina* por apresentar nectários foliares pateliformes, ausência de alas no pecíolo e na raque foliar, inflorescência capituliforme e frutos maduros marrons, lenhosos. Floresce nos meses de julho e agosto e frutifica nos meses de abril, agosto, setembro e dezembro.

3. *Inga laurina* (Sw.) Willd., Sp. Pl. Editio quarta 4(2): 1018. 1806.

Fig. 1c

Árvore 3–12 m alt.; ramos cilíndricos, inermes, glabros, esparsamente lenticelados; estípulas 2,9–7,7 × 1–3,8 mm, membranáceas, lineares a elípticas, pilosas, persistentes. Folhas pinadas; pecíolos 0,3–1,7 cm compr., cilíndricos, ocasionalmente marginados, inermes, pilosos; raque foliar 0,2–2,9 cm compr., cilíndrica, marginada, inerme, pilosa; folíolos (1–)2(–3) pares, os basais 11,8–74,9 × 5–43,3 mm, os apicais 21–122 × 10,7–57,8 mm, cartáceos, elípticos a obovados, base obtusa a arredondada, ápice agudo a acuminado, margem inteira, não ciliada, glabros em ambas as faces; nectários foliares entre todos os pares de folíolos, sésseis a curto-estipitados, circulares, cupuliformes. Inflorescências espiciformes, adensadas, axilares, 1–3 por axila, homomórficas; pedúnculos 4–26,1 mm compr., pilosos; raque floral 21–94,3 mm compr., glabra; brácteas não observadas; bractéolas diminutas, lanceoladas, glabras adaxialmente, esparso-pilosas abaxialmente, caducas. Flores 5-meras, sésseis, 22–75 por inflorescência; cálice 1,1–2,3 mm compr., tubular, tomentoso, lacínias regularmente triangulares, glabras; corola 4,8–5,4 mm compr., infundibuliforme, glabra, lacínias regularmente triangulares, pilosas; ca. 31 estames, 12,2–15,9 mm compr., brancos, homodínamos, tubo estaminal exserto, glabro; ovário 0,5–0,7 mm compr., sésil, glabro; estilete 14,8–15,1 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme.

Legumes 3,2–6,7 × 1,6–2 cm, retos a levemente curvados, cilíndricos, oblongos, margens estreitas, às vezes, constrictas entre as sementes, valvas cartáceas, glabras, amarelo-esverdeadas quando maduras; 3–5 sementes, 8–9 × 4–5 mm, ovadas.

Material examinado: Formação Florestal Não Inundável, 5.XII.1994, fl., *M. Simonelli 137* (VIES); Florestal Inundável, 11.X.2008, fl., *P.L. Peterle et al. 08* (VIES); 15.XI.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 13, 14* (VIES); 23.XII.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 20* (VIES); 14.II.2008, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 28* (VIES); 14.II.2008, fl., *P.L. Peterle et al. 36* (VIES); Herbácea Inundável, 14.II.2008, fl., *P.L. Peterle et al. 26, 27* (VIES); 14.II.2008, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 29* (VIES); 28.III.2009, fl., *P.L. Peterle et al. 42* (VIES).

Nome vulgar: ingá-mirim.

Trata-se da espécie com a mais ampla distribuição dentro do gênero *Inga*, ocorrendo desde o noroeste do México até o Paraguai e norte da Argentina, e também nas Antilhas (Pennington 1997). No Brasil, ocorre na Região Sudeste e nos estados do Pará, Amazonas, Acre, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul (Garcia & Fernandes 2012). É encontrada em matas de restinga, entretanto, não está confinada a áreas secas, estendendo-se por toda a planície costeira, desde Florestas Ombrófilas Densas até Florestas Estacionais Semidecíduais Aluviais e de Terras Baixas. Também ocorre em altitudes de até 1.500 m, nas regiões montanhosas da Costa Rica, Panamá e América do Sul (Pennington 1997; Garcia 1998). No PEPCV foi coletada no interior e na borda das formações Herbácea Inundável, Florestal Inundável, Florestal Inundada e Arbustiva Aberta Não Inundável, sendo a espécie de Mimosoideae que ocorre no maior número de formações do Parque. No entanto, não foi encontrada referência alguma na bibliografia consultada sobre a ocorrência dessa espécie na área, embora o espécime coletado por *A.M. Assis 871* (VIES) tenha sido coletado em Formação Florestal Não Inundável. Ocorre com maior frequência nas formações Florestal Inundável e Herbácea Inundável, geralmente associada à borda. Difere, na fase vegetativa, de *Inga capitata* por apresentar nectários foliares sésseis ou curto-estipitados, cupuliformes e por possuir a raque foliar, e menos frequentemente o pecíolo, marginados; quando fértil, distingue-se facilmente pela presença de inflorescências espiciformes e frutos cartáceos, amarelo-esverdeados. Floresce de outubro a março e frutifica de novembro a abril.

4. *Inga subnuda* Salzm. ex Benth. subsp. *subnuda*, London J. Bot. 4: 613. 1845. Fig. 1d

Árvore 3–12 m alt.; ramos cilíndricos, inermes, tomentosos quando jovens, tornando-se glabros quando adultos, esparsamente lenticelados; estípulas 3–4,3 × 0,6–1 mm, cartáceas, lanceoladas, tomentosas, caducas. Folhas pinadas; pecíolos 0,4–3,5 cm compr., cilíndricos, inermes, tomentosos; raque foliar 2,9–12,6 cm compr., cilíndrica, alada, inermes, tomentosa; alas distais 2,4–20,4 mm larg., elípticas ou obovadas a cuneadas; folíolos 3–5(–6) pares, os basais 13,7–89,3 × 11–40 mm, os apicais 54,2–146 × 18,6–78,2 mm, membranáceos a cartáceos, elípticos a lanceolados, base obtusa, ocasionalmente assimétrica, ápice acuminado ou agudo a obtuso, margem repanda, não-ciliada, face adaxial levemente pubescente, face abaxial pubescente; nectários foliares entre todos os pares de folíolos, sésseis, circulares, triangulares a comprimidos transversalmente, cupuliformes. Inflorescências espiciformes a capituliformes, adensadas ou não, axilares, 1–3 por axila, homomórficas; pedúnculos 6,4–40 mm compr., velutinos; raque floral 5–29,4 mm compr., velutina; brácteas e bractéolas não observadas. Flores 5-meras, sésseis, 3–17 por inflorescência; cálice 3,5–12,5 mm compr., tubular a campanulado, tomentoso, lacínias regularmente triangulares, tomentosas; corola 14,3–18,6 mm compr., infundibuliforme a tubular, densamente serícea, lacínias regularmente triangulares, seríceas; 36–42 estames, 57,5–63,5 mm compr., amarronzados quando secos, homodinamos, tubo estaminal exserto, glabro; ovário 0,9–3,5 mm compr., sésil, glabro; estilete 29,3–46,9 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme. Legumes 6,4–16,9 × 1,8–2,5 cm, retos a curvos, planos quando imaturos, cilíndricos quando maduros, lineares, margens expandidas, estriadas, às vezes constrictas entre as sementes, valvas coriáceas a lenhosas, verdes e tomentosas quando imaturas, marrons e glabras quando maduras; 4–12 sementes, 12,8–14,2 × 9,5–10,8 mm, obovadas.

Material examinado: Formação Florestal Inundável, 15.XI.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 09* (VIES); 15.XI.2008, est., *P.L. Peterle et al. 10* (VIES); 23.XII.2008, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 18* (VIES); Florestal Não Inundável, 23.XII.2008, bot. e fr., *P.L. Peterle et al. 16* (VIES); Florestal Inundável, 28.II.2009, fr., *P.L. Peterle et al. 37, 38* (VIES); Arbustiva Fechada Não Inundável, 28.II.2009, fr., *P.L. Peterle et al. 39* (VIES); Florestal Não Inundável, 29.IV.2009, fr., *P.L. Peterle et al. 53* (VIES).

Material adicional: BRASIL. ESPÍRITO SANTO: Itapemirim, Itaoca, 10.V.1990, fl., *P.C. Vinha 899* (VIES).

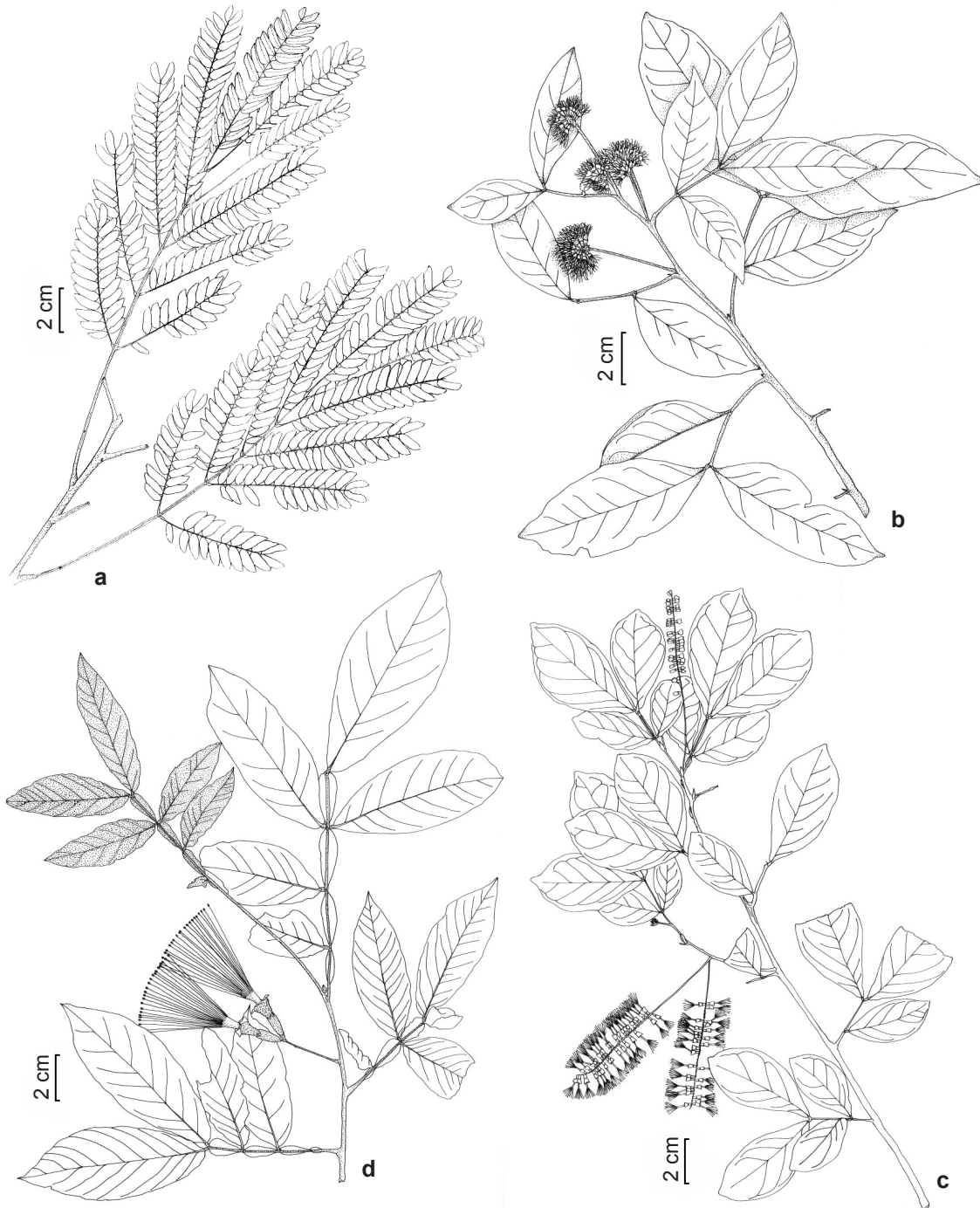


Figura 1 – a. *Albizia* sp. (Peterle 23) – ramo com folhas. b. *Inga capitata* (Pereira 1692) – ramo com folhas e inflorescências capituliformes. c. *I. laurina* (Peterle 26) – ramo com folhas e inflorescências espiciformes. d. *I. subnuda* subsp. *subnuda* (Peterle 18) – ramo com folhas e inflorescência espiciforme.

Figure 1 – a. *Albizia* sp. (Peterle 23) – branch with leaves. b. *Inga capitata* (Pereira 1692) – branch with leaves and capitulumiform inflorescences. c. *I. laurina* (Peterle 26) – branch with leaves and spiciform inflorescences. d. *I. subnuda* subsp. *subnuda* (Peterle 18) – branch with leaves and spiciform inflorescence.

Nome vulgar: ingá, ingaçú.

Espécie endêmica do Brasil e citada por Garcia & Fernandes (2012) para os estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo este o seu primeiro registro para o Espírito Santo. Ocorre desde a Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas até a Submontana, sendo frequente na restinga (Pennington 1997; Garcia 1998). No PEPCV, foi coletada nas formações Florestal Não Inundável, Florestal Inundável, Florestal Inundada e Arbustiva Fechada Não Inundável. Difere das outras espécies de *Inga* presentes no PEPCV por apresentar maior número de pares de folíolos (em geral 3 a 5), folíolos pubescentes em ambas as faces, inflorescências espiciformes e flores com corolas densamente seríceas. Floração observada em dezembro e frutificação observada de novembro a abril.

5. *Mimosa candollei* R. Grether, Novon 10(1): 33. 2000. Fig. 2a

Erva, decumbente, às vezes escandente; ramos angulosos, aculeados, pilosos; acúleos retrorsos, seriados; estípulas 1,5–4,8 × 0,5 mm, lenhosas, aciculares, pilosas, persistentes. Folhas bipinadas; pecíolos 0,8–7,4 cm compr., angulosos, aculeados, pilosos; raque foliar 0,3–4,4 cm compr., cilíndrica, aculeada, pilosa; pinas 2–3 pares, 0,4–5,3 cm compr.; peciólulos cilíndricos, aculeados, pilosos; raquíola cilíndrica, aculeada, pilosa; foliólulos 10–22 pares, os basais 2,9–4,9 × 0,9–1,5 mm, os apicais 4,9–7,4 × 1,4–3 mm, membranáceos, oblongo-lanceolados, base obtusa, ápice mucronado, margem inteira, ciliada, face adaxial glabra, face abaxial estrigosa no primeiro par de foliólulos, glabrescente em direção ao ápice; nectários foliares ausentes. Inflorescências capituliformes, globosas, adensadas, axilares, 1–2 por axila, homomórficas; pedúnculos 3–14,2 mm compr., pilosos; raque floral 2,4–2,9 mm compr., glabra; brácteas não observadas; bractéolas diminutas, lanceoladas, glabras, persistentes. Flores 4–5-meras, sésseis, ca. 15 por inflorescência; cálice 0,4–0,6 mm compr., campanulado, glabro, lacínias irregulares, glabras; corola 1,6–1,8 mm compr., campanulada, glabra, lacínias regularmente triangulares, glabras; 10 estames, 3,8–4,5 mm compr., lilases, homodínamos; filetes livres, exsertos, glabros; ovário 0,1–0,14 mm compr., sésil, glabro; estilete 2–2,7 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme. Craspédios tetragonais

5,3–11,5 × 0,2–0,4 cm, não articulados, retos, cilíndricos, lineares, valvas coriáceas, estriadas, aculeadas, glabrescentes, pardas quando maduras; ca. 24 sementes, 3,5–3,8 × 1,9–2 mm, oblongas.

Material examinado: Formação Herbácea Inundável, 30.VIII.2008, fl. e fr., P.L. Peterle et al. 03 (VIES); Arbustiva Aberta Não Inundável, 14.III.2009, fr., P.L. Peterle et al. 40 (VIES); 28.III.2009, fl. e fr., P.L. Peterle et al. 41 (VIES); Herbácea Inundável, 25.IV.2009, fl., P.L. Peterle et al. 51 (VIES); 6.VI.2009, fl., P.L. Peterle et al. 57 (VIES).

Nome vulgar: dormideira, arranha-gato.

Ocorre no sul do México, Belize, Panamá, norte da Colômbia, Venezuela, nordeste do Peru, da Bolívia e da Argentina, Paraguai e no Brasil em todos os estados do Nordeste, em Roraima, Pará, Amazonas, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Paraná (Dutra & Morim 2012). Em geral, é encontrada em altitudes inferiores a 300 m, mas na Bahia e em Minas Gerais pode ocorrer até a 1.000 m de altitude, principalmente na borda das florestas e nas capoeiras, situadas em solos muito úmidos, em campos arenosos e cerrados, áreas perturbadas, ao longo de rodovias e em pastos abandonados (Burkart 1979; Lewis 1987; Barneby 1991). No PEPCV foi coletada na borda e no interior da Formação Herbácea Inundável e nas bordas das formações Arbustiva Aberta Não Inundável e da Florestal Inundável. Foi observada também em áreas degradadas dentro das formações acima citadas. Trata-se de uma espécie heliófita e seletiva higrófito, corroborando observações feitas por Burkart (1979). Não existe, na literatura consultada, referência alguma para esta espécie no PEPCV. Caracteriza-se por ser uma planta herbácea decumbente, às vezes, escandente, com ramos aculeados e capítulos pequenos, quando comparada às demais espécies de *Mimosa* presentes no Parque. Além disso, apresenta como característica significativa para sua diferenciação o fruto do tipo craspédio tetragonal e não articulado, uma característica das espécies do gênero *Schrankia* Willd., que foram transferidas para o gênero *Mimosa*, por Barneby (1991), como *Mimosa quadrivalvis* L. Floresce e frutifica durante todo o ano.

6. *Mimosa elliptica* Benth., J. Bot. (Hooker) 4(32): 400–401. 1842. Fig. 2b

Erva, decumbente; ramos cilíndricos, inermes a aculeados, pilosos; acúleos retrorsos, distribuídos esparsamente nos ramos; estípulas 1,3–4,3 × 0,5–2

mm, cartáceas, triangulares, hispídas, ciliadas, persistentes. Folhas bipinadas; pecíolos 0,1–2,3 cm compr., cilíndricos, aculeados, pilosos; raque foliar 1,5–7 cm compr., cilíndrica, aculeada, pilosa; acúleos retrórsos, normalmente distribuídos entre os pares de folíolos; pinas 2–8 pares, 0,4–3,4 cm compr.; peciólulos cilíndricos, pilosos; raquíola cilíndrica, pilosa; foliólulos 17–28 pares, os basais 1,4–3 × 0,5–0,7 mm, os apicais 1,9–2,8 × 0,3–0,8 mm, membranáceos, oblongo-lanceolados, base obtusa, ápice obtuso a mucronado, margem inteira, ciliada, face adaxial parcialmente glabra com a ocorrência ocasional de tricomas estrigosos na base dos foliólulos, face abaxial estrigosa no primeiro par de foliólulos, glabrescente em direção ao ápice; nectários foliares ausentes. Inflorescências capituliformes, elipsoides, adensadas, axilares, 1–3 por axila, heteromórficas, estaminadas na periferia, hermafroditas no centro da inflorescência; pedúnculos 11,4–37 mm compr., pilosos; raque floral 8,4–10,1 mm compr., pilosa; brácteas não observadas; bractéolas 0,6–0,7 × ca. 0,5 mm compr., elípticas, pilosas, persistentes. Flores 4-meras, sésseis, ca. 100 por inflorescência; cálice 0,5–0,7 mm compr., tubuloso, glabro, lacínias irregulares, com tricomas no ápice; corola 2,5–2,9 mm compr., campanulada, glabra, lacínias regularmente triangulares, glabras; 8 estames, 2,9–7,7 mm compr., lilases, heterodínamos; filetes livres, exsertos, glabros; ovário 0,6–0,7 mm compr., séssil, seríceo; estilete 2,1–4 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme. Craspédios 1,7–4 × 0,8–1,1 cm, 3–10-articulados, retos, plano-compressos, oblongos, margens lineares, aculeadas, valvas coriáceas, estrigosas, marrons quando maduras; 3–10 sementes, 2,7–4,7 × 1,9–5 mm, ovadas.

Material examinado: Formação Herbácea Inundável, 30.VIII.2008, fr., P.L. Peterle et al. 04, 05 (VIES); 11.X.2008, fl. e fr., P.L. Peterle et al. 07 (VIES); Afloramento Rochoso, 15.XI.2008, fl., P.L. Peterle et al. 12 (VIES); Herbácea Inundável, 14.II.2009, fr., P.L. Peterle et al. 30, 31, 33, 34, 35 (VIES); 14.II.2009, fl., P.L. Peterle et al. 32 (VIES); 28.III.2009, fl., P.L. Peterle et al. 43 (VIES); 29.IV.2009, fr., P.L. Peterle et al. 52 (VIES).

Nome vulgar: dormideira.

Ocorre no litoral brasileiro, nos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro (Barneby 1991; Dutra & Morim 2012), sendo este o seu primeiro registro para o Espírito Santo. Ocupa diferentes habitats, mas é encontrada preferencialmente em solos arenosos, nas restingas, ao longo da costa e

da planície costeira do sudeste do Brasil (Barneby 1991). No PEPCV, ocorre com frequência no interior e na borda das formações Herbácea Inundável e Herbácea Inundada, bem como na borda da Florestal Inundável. Coletada também em afloramento rochoso próximo a Lagoa de Carais. Difere das outras espécies de *Mimosa* do Parque por apresentar um número maior de pares de pinas (2–8), intercalados por acúleos retrórsos, e craspédios 3–10 articulados. É comumente identificada erroneamente como *M. pigra* L., que não ocorre no PEPCV, podendo ser diferenciada pelos ramos pilosos (vs. estrigosos) e pelos craspédios com margens aculeadas (vs. estrigosos) e número menor de sementes (3–10 vs. 10–22). Floresce e frutifica durante todo o ano.

7. *Mimosa pudica* L. var. *hispida* Brenan, Kew Bull. 10(2): 186-187. 1955. Fig. 2c

Erva, decumbente; ramos cilíndricos, aculeados, vilosos; acúleos retrórsos, distribuídos esparsamente nos ramos; estípulas 3,8–12,6 × 0,8–2,9 mm, membranáceas, triangulares a ovado-acuminadas, adaxialmente vilosas, abaxialmente glabras, ciliadas, persistentes. Folhas bipinadas; pecíolos 0,5–6 cm compr., cilíndricos, inermes, vilosos; raque foliar 0,1–0,3 cm compr., cilíndrica, inerte, vilosa; pinas (1–)2 pares, 1,6–7,6 cm compr.; peciólulos cilíndricos, vilosos; raquíola cilíndrica, vilosa; foliólulos 8–28 pares, os basais 4,7–9,4 × 0,8–2,5 mm, os apicais 3–8,8 × 0,9–2,9 mm, membranáceos, oblongos, base arredondada, ápice mucronado a acuminado, margem inteira, ciliada, face adaxial glabra, face abaxial estrigosa no primeiro par de foliólulos, glabrescente em direção ao ápice; nectários foliares ausentes. Inflorescências capituliformes, globosas, adensadas, axilares, 1–3 por axila, homomórficas; pedúnculos 10,6–31,4 mm compr., pilosos; raque floral 3,1–7,4 mm compr., pilosa; brácteas não observadas; bractéolas 1,5–2 mm compr., linear-lanceoladas, glabras, margens estrigosas, persistentes. Flores 4-meras, sésseis, ca. 100 por inflorescência; cálice 0,1–0,2 mm compr., campanulado, glabro, lacínias regularmente triangulares, glabras; corola 1–1,3 mm compr., campanulada, glabra, lacínias regularmente triangulares, com tricomas no ápice; 4 estames, 5–7,4 mm compr., lilases, homodínamos; filetes livres, exsertos, glabros; ovário 0,3–0,4 mm compr., séssil, glabro; estilete 5,7–6 mm compr.,

filiforme, glabro; estigma punctiforme. Craspédios 1,5–1,9 × 0,3–0,4 cm, 3–4-articulados, retos, plano-compressos, oblongos, margens aculeadas, constrictas entre as sementes, valvas coriáceas, glabras, marrons quando maduras; 3–4 sementes, 2,4–2,9 × 1,9–2,7 mm, oblongo-elípticas.

Material examinado: Formação Herbácea Inundável, 30.VIII.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 02* (VIES); 11.X.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 06* (VIES); Florestal Inundável, 23.XII.2008, fr., *P.L. Peterle et al. 19* (VIES); Herbácea Inundável, 14.II.2009, fl., *P.L. Peterle et al. 24* (VIES); 14.II.2009, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 25* (VIES); 11.IV.2009, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 46, 47* (VIES).

Nome vulgar: dormideira, sensitiva.

Ocorre nas Américas (México, Costa Rica, Cuba, Jamaica, Amazônia peruana e Brasil), África equatorial, Índia, Filipinas, Bornéu e Java (Barneby 1991). No Brasil, é encontrada nas Regiões Sudeste e Sul, no Distrito Federal e no estado do Pará (Dutra & Morim 2012). Distribui-se em habitats de vegetação secundária ou cultivada, em campo rupestre, restinga e áreas perturbadas como margens de estrada e pastos, em altitudes entre 10–1.500 m (Barneby 1991; Dutra & Garcia 2014). No PEPCV, ocorre na borda das formações Herbácea Inundável, Florestal Inundável e Florestal Inundada, demonstrando assim, maior preferência por habitats úmidos. Foi coletada também em áreas degradadas dentro das formações acima citadas. Não existe, na literatura consultada, referência alguma para a ocorrência desta espécie no PEPCV. Distingue-se das outras espécies de *Mimosa* do parque por apresentar normalmente dois pares, raro um, de pinas e pecíolo não aculeado. *Mimosa pudica* var. *hispida* distingue-se das outras variedades de *M. pudica* principalmente por apresentar tricomas hispídeos ao longo dos ramos (Barneby 1991). Floresce e frutifica durante todo o ano.

8. *Mimosa sensitiva* L. var. *sensitiva*, Sp. Pl. 1: 518. 1753. Fig. 2d

Erva, decumbente, às vezes escandente; ramos cilíndricos, aculeados, pilosos; acúleos retrorsos, seriados; estípulas 1,6–4,6 × 0,5–1,5 mm, cartáceas, elípticas a lanceoladas, pilosas, ciliadas, persistentes. Folhas bipinadas; pecíolos 1,1–6,1 cm compr., cilíndricos, aculeados, pilosos; raque foliar ausente; pinas 1 par; 1,9–7 cm compr.; peciólulos cilíndricos, pilosos; raquíola cilíndrica, pilosa; foliólulos 2 pares,

os internos atrofiados, os basais 10,5–51,3 × 3–15,9 mm, os apicais 17,8–57,4 × 4,9–19,2 mm, membranáceos, falcados, base assimétrica, ápice agudo, margem inteira, ciliada, face adaxial glabrescente ou glabra, estrigosa na base do foliólulo, face abaxial estrigosa; nectários foliares ausentes. Inflorescências capituliformes, globosas, adensadas, axilares, 1–2 por axila, heteromórficas, estaminadas na periferia da inflorescência e hermafroditas no centro; pedúnculos 20,3–36 mm compr., aculeados, pilosos; raque floral 5,8–6 mm compr., glabra; brácteas não observadas; bractéolas 2,7–3 × 0,5 mm, lanceoladas, glabras, margens estrigosas, persistentes. Flores 4-meras, sésses, ca. 100 por inflorescência; cálice 0,7–1 mm compr., campanulado, glabro, lacínias regularmente triangular-lanceoladas, glabras; corola 1,1–2 mm compr., tubulosa, glabra, lacínias regularmente triangulares, glabras; 4 estames, 5,8–6,6 mm compr., lilases, homodínamos; filetes livres, exsertos, glabros; ovário 0,3–0,6 mm compr., curtamente estipitado, glabro; estilete 8,5–9,7 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme. Craspédios 0,9–2,3 × 0,4–0,6 cm, 2–5-articulados, retos, plano-compressos, oblongos, margens aculeadas, pubescentes, valvas coriáceas, aculeadas, pubescentes, marrons quando maduras; 2–5 sementes, 2,9–3,5 × 2–2,5 mm, pardas.

Material examinado: Formação Arbustiva Aberta Não Inundável, 25.IV.2009, fl. e fr., *P.L. Peterle et al. 48, 49* (VIES); 25.IV.2009, fl., *P.L. Peterle et al. 50* (VIES); 11.VI.2009, fr., *P.L. Peterle et al. 58* (VIES).

Nome vulgar: dormideira.

Mimosa sensitiva var. *sensitiva* é exclusiva da América do Sul, ocorrendo na Venezuela e no Brasil, nos estados do Pará, Amazonas, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, desde o nível do mar até altitudes de 1.000 m, na Chapada Diamantina (Bahia), em florestas sazonalmente secas, áreas de cerrado, restingas, capoeiras e ao longo de estradas (Barneby 1991; Dutra & Morim 2012). Este é o primeiro registro da espécie para o Espírito Santo. No PEPCV, foi coletada na borda da Formação Arbustiva Aberta Não Inundável, em área degradada. Apresenta hábito herbáceo decumbente, às vezes escandente. Caracteriza-se pela ausência de raque foliar, por ter apenas um par de pinas e dois pares de foliólulos falcados, sendo os mais internos atrofiados. Assemelha-se vegetativamente à *Mimosa vellosiana* Mart. com a

qual tem sido constantemente confundida, embora possa ser diferenciada, principalmente, quanto ao tamanho do cálice, diminuto em *M. velloziana* (Barneby 1991). Distingue-se de *M. sensitiva* var. *malitiosa* (Mart.) Barneby por apresentar bractéolas e capítulos maiores (Barneby 1991). Floresce e frutifica de abril a junho.

9. *Piptadenia adiantoides* (Spreng.) J.F. Macbr., Contr. Gray Herb. 59: 17. 1919. Fig. 2e

Arbusto 5–10 m alt., escandente; ramos cilíndricos, inermes, pilosos, lenticelados; estípulas 2,5–3,8 × 0,5 mm compr., cartáceas, aciculares, pilosas, caducas. Folhas bipinadas; pecíolos 1,8–4,3 cm compr., cilíndricos, aculeados abaxialmente, pilosos; raque foliar 1,7–6,7 cm compr., cilíndrica, aculeada, pilosa; pinas 3–5 pares; peciólulos cilíndricos, pilosos; raquíola cilíndrica, pilosa; foliólulos 2–5 pares, os basais 6,6–18,3 × 3–10,8 mm, os apicais 13,4–24,8 × 6,5–15,6 mm, cartáceos, obovados, base assimétrica, ápice arredondado, margem inteira, glabra, face adaxial pilosa, face abaxial glabrescente; nectários foliares sésseis, verrucosos quando na base do pecíolo, ocasionais e pateliformes quando entre os pares de foliólulos. Inflorescências espiciformes, adensadas, axilares, 1–4 por axila, homomórficas; pedúnculos 8,3–12,5 mm compr., pilosos; raque floral 39,9–54,8 mm compr., pilosa; brácteas 1,8–1,9 mm compr., aciculares, pilosas, caducas; bractéolas diminutas, elípticas, pilosas abaxialmente, persistentes. Flores 5-meras, sésseis, ca. 300 por inflorescência; cálice 1–1,5 mm compr., tubuloso, glabrescente, lacínias irregularmente triangulares, com tricomas no ápice; corola 5,3–5,7 mm compr., campanulada, glabra, lacínias cuneadas, reflexas, glabras; 10 estames, 2,5–2,9 mm compr., brancos, homodínamos, tubo estaminal incluso, glabro; ovário menor que 0,5 mm compr., estipitado, seríceo; estípite menor que 0,5 mm compr., glabro; estilete curto, glabro; estigma capitado. Legumes 6,8–8,9 × 1,6–2,1 cm, retos, plano-compressos, estreito-elípticos, margens lineares a levemente constrictas entre as sementes, valvas membranáceas, glabras, marrons quando maduras; 8–9 sementes, 5,1–5,4 × 3,3–3,5 mm, obovadas.

Material examinado: Formação Florestal Inundável, 21.I.2009, fr., P.L. Peterle et al. 21 (VIES); 9.V.2009, fl., P.L. Peterle et al. 54 (VIES); 11.VI.2009, fl., P.L. Peterle et al. 59 (VIES).

Nome vulgar: arranha-gato.

Ocorre no Peru e amplamente no Brasil, nos estados do Pará, Pernambuco, Paraíba, Bahia,

Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (Lewis 1987; Tamashiro 1989; Morim 2012). Habita as florestas da costa brasileira, restingas, plantações de cacau e áreas com vegetação gramínoide (Lewis 1987). Foi coletada no PEPCV na borda da Formação Florestal Inundável próxima à rodovia. Não existe, na literatura consultada, referência alguma para esta espécie no PEPCV. *Piptadenia adiantoides* é reconhecida na área por ser um arbusto escandente heliófita, apresentar pecíolo e raque foliar aculeados, peciólulo e raquíola inermes, inflorescência espiciforme e frutos do tipo legume, marrons quando maduros. Floresce nos meses de maio e junho e foi coletada com frutos nos meses de janeiro, março e junho.

10. *Senegalia lacerans* (Benth.) Seigler & Ebinger, Phytologia 88(1): 55. 2006. Fig. 2f

Arbusto 2–3 m alt., escandente; ramos cilíndricos, aculeados, pilosos, lenticelados; acúleos retrorsos; estípulas 1,4–2 × 0,3–0,5 mm, cartáceas, triangulares a ovado-acuminadas, glabrescentes, persistentes. Folhas bipinadas; pecíolos 0,7–1,1 cm compr., cilíndricos, canaliculados adaxialmente, aculeados, pilosos; raque foliar 4,3–12,8 cm compr., cilíndrica, canaliculada adaxialmente, aculeada, pubescente; pinas 8–18 pares, 1,2–3,5 cm compr.; peciólulos cilíndricos, pubescentes; raquíola angulosa, pubescente; foliólulos 22–44 pares, os basais 1,4–1,6 × ca. 0,5 mm compr., os apicais 0,5–1,8 × ca. 0,5 mm compr., cartáceos, linear-elípticos, base truncada, ápice cuneado, margem inteira, ciliada, ambas as faces glabras; nectários foliares sésseis, comprimidos longitudinalmente, cupuliformes, na base do pecíolo e ocasionais entre os pares de foliólulos. Inflorescências capituliformes, elipsoides, adensadas, axilares, 1–2 por axila, heteromórficas; pedúnculos 3,5–15,3 mm compr., pilosos; raque floral 6,2–9,5 mm compr., pilosa; brácteas não observadas; bractéolas diminutas, triangular-lanceoladas, glabras, caducas. Flores 5-meras, sésseis, 23–32 por inflorescência; cálice 1,3–1,6 mm compr., campanulado, glabro, lacínias regularmente triangulares, glabras; corola 1,7–2,7 mm compr., tubulosa, glabra, lacínias regularmente triangulares, glabras; 98–99 estames, 4,7–5,4 mm compr., brancos, heterodínamos, tubo estaminal incluso, glabro; ovário 0,8–1 mm compr., seríceo, estipitado, estípite 1,5–1,6 mm compr., filiforme, glabro; estilete 2–2,4 mm compr., filiforme, glabro; estigma punctiforme. Legumes

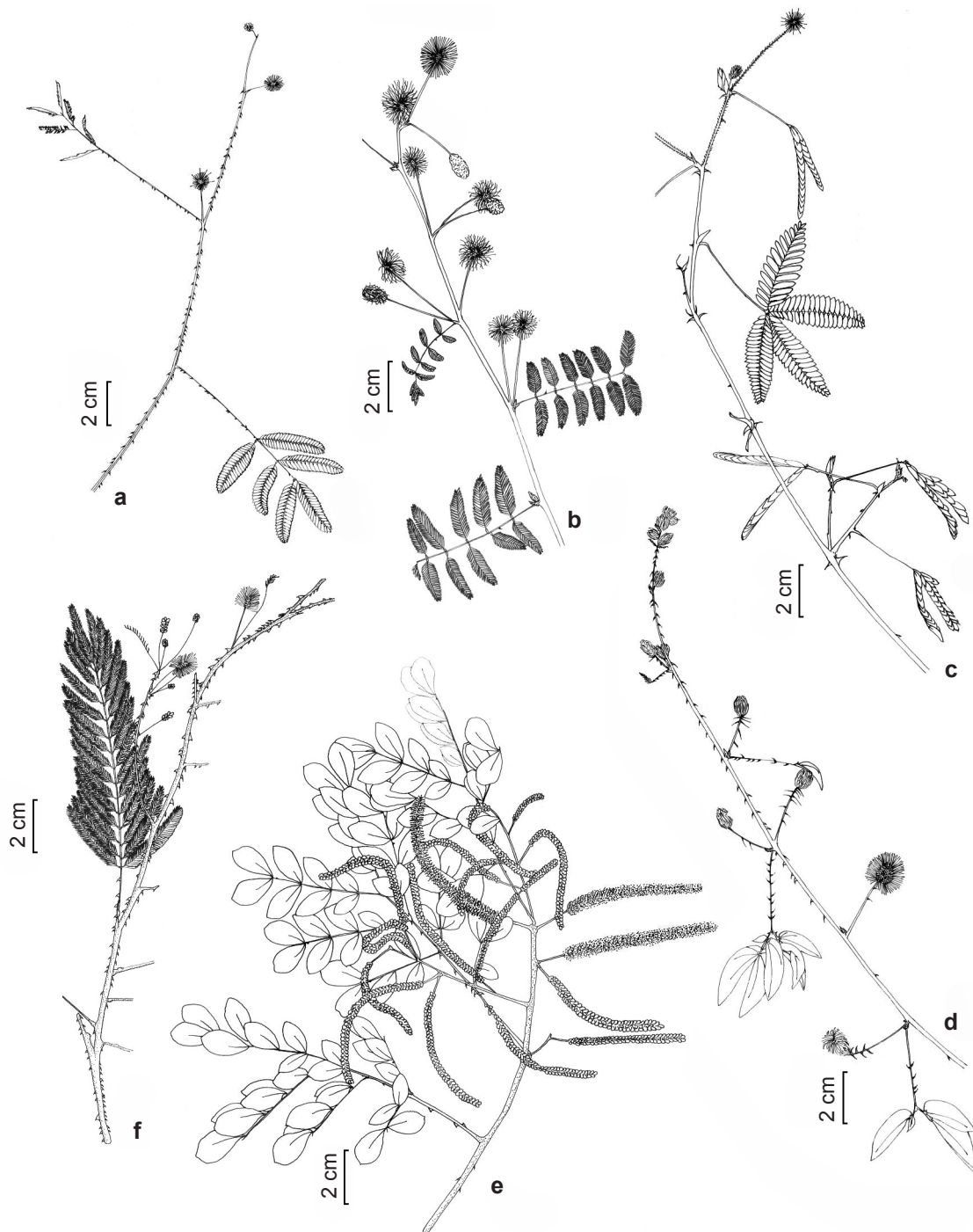


Figura 2 – a. *Mimosa candollei* (Peterle 51) – ramo com folhas e inflorescências capituliformes. b. *M. elliptica* (Peterle 07) – ramo com folhas e inflorescências capituliformes. c. *M. pudica* var. *hispida* (Peterle 46) – ramo com folhas e inflorescências capituliformes. d. *M. sensitiva* var. *sensitiva* (Peterle 49) – ramo com folhas e inflorescências capituliformes. e. *Piptadenia adiantoides* (Peterle 54) – ramo com folhas e inflorescências espiciformes. f. *Senegalia lacerans* (Peterle 15) – ramo com folhas e inflorescências espiciformes.

Figure 2 – a. *Mimosa candollei* (Peterle 51) – branch with leaves and capituliform inflorescences. b. *M. elliptica* (Peterle 07) – branch with leaves and capituliform inflorescences. c. *M. pudica* var. *hispida* (Peterle 46) – branch with leaves and capituliform inflorescences. d. *M. sensitiva* var. *sensitiva* (Peterle 49) – branch with leaves and capituliform inflorescences. e. *Piptadenia adiantoides* (Peterle 54) – branch with leaves and spiciform inflorescences. f. *Senegalia lacerans* (Peterle 15) – branch with leaves and spiciform inflorescences.

8,3–15,6 × 4,1–5,8 cm, retos, plano-compressos, elípticos a estreito-elípticos, margens lineares a levemente constrictas entre as sementes, valvas lenhosas, glabras, marrons quando maduras; 8–9 sementes, 9,9–16,3 × 6,3–7,9 mm, ovadas.

Material examinado: Formação Florestal Não Inundável, 15.XI.2008, fl., P.L. Peterle et al. 11 (VIES); Arbustiva Fechada Não Inundável, 6.XII.2008, fl., P.L. Peterle et al. 15 (VIES); 28.III.2009, fl., P.L. Peterle et al. 44 (VIES); 6.VI.2009, fr., P.L. Peterle et al. 56 (VIES).

Nome vulgar: arranha-gato.

Ocorre na costa do Brasil, da Bahia à Santa Catarina (Morim & Barros 2012). É típica da Floresta Pluvial Atlântica, ocorrendo principalmente nas formações secundárias e em plantações de cacau (Lewis 1987; Lima et al. 1994). No PEPCV, ocorre no interior e na borda das formações Arbustiva Fechada Não Inundável e Florestal Não Inundável. Não existe, na literatura consultada, referência alguma para a ocorrência desta espécie no PEPCV. *Senegalia lacerans* é um arbusto escandente heliófito, facilmente identificada no Parque pela presença de ramos, pecíolos e raques foliares aculeados e inflorescências elipsoides. Foi coletada com flores nos meses de março, novembro e dezembro e com frutos no mês de junho.

Agradecimentos

Ao Instituto Estadual do Meio Ambiente do Espírito Santo (IEMA), a autorização de pesquisa no PEPCV. Ao especialista Haroldo C. de Lima e a Robson Daumas Ribeiro (*in memorian*), o auxílio na identificação do material e disponibilização de bibliografia. À equipe do PEPCV, o apoio logístico nas atividades de campo. Aos colegas e amigos que ajudaram nas coletas, em especial a Stéfano da Silva Dutra.

Referências

- Assis, A.M. de; Pereira, O.J. & Thomaz, L.D. 2004a. Fitossociologia de uma floresta de restinga no Parque Estadual Paulo César Vinha, Setiba, município de Guarapari (ES). *Revista Brasileira de Botânica* 27: 349-361.
- Assis, A.M. de; Thomaz, L.D. & Pereira, O.J. 2004b. Florística de um trecho de restinga no município de Guarapari, Espírito Santo, Brasil. *Acta Botânica Brasilica* 18: 191-201.
- Barneby, R.C. 1991. *Sensitivae Censitae*: a description of the genus *Mimosa* Linnaeus (Mimosaceae) in the New World. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 65: 1-835.
- Barroso, G.M.; Morim, M.P.; Peixoto, A.L. & Ichaso, C.L.F. 1999. Frutos e sementes: morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas. Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 443p.
- Burkart, A. 1979. Leguminosas Mimosoideas. In: Reitz, P.R. (org.). *Flora Ilustrada Catarinense*. I parte, Fascículo LEGU. Herbário Barbosa Rodrigues, Santa Catarina. Pp. 1-299.
- Dutra, V.F. & Garcia, F.C.P. 2014. *Mimosa* L. (Leguminosae-Mimosoideae) dos campos rupestres de Minas Gerais, Brasil. *Iheringia, serie Botânica* 69: 51-90.
- Dutra, V.F. & Morim, M.P. 2012. *Mimosa*. In: Forzza, R.C. et al. (eds.). *Lista de espécies da flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2011/FB023084>>. Acesso em 13 fevereiro 2012.
- Fabris, L.C. 1995. Composição florística e fitossociológica de uma faixa de floresta arenosa litorânea do Parque Estadual de Setiba, Município de Guarapari, ES. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 195p.
- Fidalgo, O. & Bononi, V.L. 1989. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. Instituto de Botânica, São Paulo. 62p.
- Filardi, F.L.R. & Lima, H.C. 2014. Diversity of *Machaerium* (Leguminosae: Papilionoideae) in the Atlantic Forest: Three New Species, Nomenclatural Updates, and a Revised Key. *Systematic Botany* 39: 145-159.
- Fraga, C.N.; Simonelli, M. & Fernandes, H.Q.B. 2007. Metodologia utilizada na elaboração da lista da flora ameaçada de extinção no Estado do Espírito Santo. In: Simonelli, M.; Fraga, C.N. (eds.). *Espécies da Flora ameaçadas de extinção no Estado do Espírito Santo*. Ipema, Vitória. Pp. 59-72.
- Garcia, F.C.P. 1998. Relações sistemáticas e fitogeografia de *Inga* Miller (Leguminosae - Mimosoideae) nas Florestas da Costa Sul e Sudeste do Brasil. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 247p.
- Garcia, F.C.P. & Fernandes, J.M. 2012. *Inga*. In: Forzza, R.C. et al. (eds.). *Lista de espécies da flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB022803>>. Acesso em 13 fevereiro 2012.
- Germano Filho, P.; Peixoto, A.L. & Jesus, R.M. 2000. Espécies vegetais descritas a partir de espécimes coletados na Reserva Florestal de Linhares, ES, Brasil. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (Nova Série)* 11/12: 35-48.
- Gomes, J.M.L. 1999. Bromeliaceae do Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari – ES: taxonomia e ecofisiologia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 134p.

- Gonçalves, E.G. & Lorenzi, H. 2007. Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, São Paulo. 448p.
- Hickey, L.J. 1973. Classification of the architecture of dicotyledonous leaves. *American Journal of Botany* 60: 17-33.
- Iganci, J.R.V. & Morim, M.P. 2009. Three new species of *Abarema* (Leguminosae, Mimosoideae) from south-eastern Brazil. *Kew Bulletin* 64: 271-277.
- Joly, A.B. 1987. Botânica: introdução à taxonomia vegetal. 8ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 778p.
- Lewis, G.P. 1987. Legumes of Bahia. *The Royal Botanic Gardens, Kew*. 369p.
- Lewis, G.P.; Schire, B.; Mackinder, B. & Lock, M. 2005. Legumes of the World. *The Royal Botanic Gardens, Kew*. 577p.
- Lima, H.C.; Correia, C.M.B. & Farias, D.S. 1994. Leguminosae. In: Lima, M.P.M. de & Guedes-Bruni, R.R. (orgs.). Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ: aspectos florísticos das espécies vasculares. Vol. 1. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Pp. 167-228.
- Lima, H.C.; Queiroz, L.P.; Morim, M.P.; Souza, V.C.; Dutra, V.F.; Bortoluzzi, R.L.C.; Iganci, J.R.V.; Fortunato, R.H.; Vaz, A.M.S.F.; Souza, E.R.; Filardi, F.L.R.; Valls, J.F.M.; Garcia, F.C.P.; Fernandes, J.M.; Martins-da-Silva, R.C.V.; Perez, A.P.F.; Mansano, V.F.; Miotto, S.T.S.; Tozzi, A.M.G.A.; Meireles, J.E.; Lima, L.C.P.; Oliveira, M.L.A.A.; Flores, A.S.; Torke, B.M.; Pinto, R.B.; Lewis, G.P.; Barros, M.J.F.; Ribeiro, R.D.; Schütz, R.; Pennington, T.; Klitgaard, B.B.; Rando, J.G.; Scalon, V.R.; Cardoso, D.B.O.S.; Costa, L.C.; Silva, M.J.; Moura, T.M.; Barros, L.A.V.; Silva, M.C.R.; Queiroz, R.T.; Sartori, A.L.B. & Camargo, R. 2014. Fabaceae. In: Forzza, R.C. *et al.* (eds.). Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB115>>. Acesso em: 04 julho 2014.
- MMA-Ministério do Meio Ambiente. 2000. Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da mata atlântica e campos sulinos. Brasília: MMA/SBF. Disponível em <<http://www.rbma.org.br/anuario/pdf/areasprioritarias.pdf>>. Acesso em 13 fevereiro 2012.
- Morim, M.P. 2012. *Piptadenia*. In: Forzza, R.C. *et al.* (eds.). Lista de espécies da flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2011/FB022784>>. Acesso em 13 fevereiro 2012.
- Morim, M.P. & Barros, M.J.F. 2012. *Senegalia*. In: Forzza, R.C. *et al.* (eds.). Lista de espécies da flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2011/FB100997>>. Acesso em 13 fevereiro 2012.
- Pennington, T.D. 1997. The Genus *Inga* Botany. Royal Botanic Gardens, Kew. 844p.
- Pereira, O.J. 2003. Restinga: origem, estrutura e diversidade. In: Jardim, M.A.G.; Bastos, N.N.C.; Santos, J.U.M. (eds.). Desafios da botânica brasileira no novo milênio: inventário, sistematização e conservação da diversidade vegetal. Museu Paraense Emílio Goeldi, UFRA, Belém, Embrapa, Brasil. Pp. 177-179.
- Pereira, O.J. & Araujo, D.S.D. 2000. Análise florística das restingas dos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. In: Esteves, F.A.; Lacerda, L.D. (eds.). Ecologia de Restingas e Lagoas Costeiras. NUPEM/ UFRJ, Rio de Janeiro. Pp. 25-63.
- Pereira, O.J. & Assis, A.M. 2000. Florística da restinga de Camburi. *Acta Botânica Brasilica* 14: 99-111.
- Pereira, O.J. & Gomes, J.M.L. 1994. Levantamento florístico das comunidades vegetais de restinga no Município de Conceição da Barra, ES. In: ACIESP (org.). Anais do III Simpósio de ecossistemas da costa sul e sudeste brasileira: subsídios a um gerenciamento ambiental. Vol. 3. ACIESP, São Paulo. Pp. 67-78.
- Tamashiro, J.Y. 1989. Estudos taxonômicos e morfológicos do gênero *Piptadenia sensu* Bentham no sudeste do Brasil: avaliação das modificações taxonômicas recentemente propostas. Tese de Mestrado. Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 99p.
- Weiler Júnior, I. 1998. Leguminosae – Faboideae das restingas do Estado de Espírito Santo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 189p.
- Wojciechowski, M.F.; Lavin, M. & Sanderson, M.J. 2004. A phylogeny of Legumes (Leguminosae) based on analysis of the plastid *mat-K* gene resolves many well-supported subclades within the family. *American Journal of Botany* 91: 1846-1862.